

## DEPOIMENTO

Mário Moutinho

*Professor Doutor em Museologia (Portugal)*

Sem dúvida que a Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro é uma terra onde a ânsia frustrada do direito à igualdade se sente a cada instante, em cada olhar e em cada coisa.

Terra diferente e igual ao mesmo tempo no desencanto dos pais que tão cedo perdem o destino dos seus pivetes, para quem sonharam caminhos mais abertos.

Terra diferente e igual ao mesmo tempo no tardar do reencontro de cada um com os seus, com a memória e com o dia de amanhã.

Mas, também, terra diferente e igual na luta e na vontade de contrariar o abandono, e que obriga cada um ao seu jeito e no seu saber a tomar, a gritar e a provocar a mudança.

Uma espécie de rosnar que amedontra os donos do mundo...

Saint-Hilaire de Dorset, 24 de setembro de 1992

### 1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Prefiro falar mais de museu e museologia "comunitária" que de etnomuseu, em todos os casos onde há efetivamente uma população ou populações envolvidas e se espera que participem do processo museológico.

A duração da minha estada e o grau de aprofundamento dos problemas da Zona Oeste foram totalmente insuficientes para que as principais coisas sejam mais que uma coleta de impressões sumárias e superficiais. Elas têm o mérito apenas de reações vindas de um observador externo, portanto não prevendo e não envolvido nos debates locais.

Dizem-me que não pude visitar, nem receber informações detalhadas sobre os bairros mais povoados e sociologicamente mais desfavorecidos da Zona Oeste, sobretudo Bangu. Portanto, não posso julgá-los.

### TEMA 3 - ECOMUSEU: A EXPERIÊNCIA EM PORTUGAL

**DIA**

20 de maio de 1992

**HORA**

09:30 horas

**PALESTRANTE**

Dr. Mário Moutinho

*Professor Doutor em Museologia***COORDENADOR DOS DEBATES**

Lourdes Rego Novaes

*Presidente do Comité Brasileiro do ICOM***Mário Moutinho**

Não vou utilizar os quarenta minutos na exposição, o que permitirá, se houver alguns pontos a precisar, podermos fazê-lo. Esta é a razão pela qual vou ler. É uma tranquilidade para mim próprio. E tenho este texto dividido em três partes, uma primeira parte é as raízes da ecomuseologia em Portugal, o contexto no qual ela se desenvolve; a segunda parte é uma descrição rápida de alguns projetos para situar o tipo de trabalho museológico que se faz nestes gêneros de museus; e por último, uma sobre o trabalho de reflexão que é feito sobre o nosso trabalho. Portanto vou começar a ler esta pequena intervenção.

Falar da ecomuseologia ou na renovação da museologia em Portugal obriga-nos a situar este processo no quadro das transformações políticas, sociais e econômicas, ligadas à revolução de 25 de abril de 74. Com o fim da ditadura e com a democratização em todos os aspectos da sociedade portuguesa, criou-se um ambiente favorável à participação, à criatividade, e, sobretudo, ao direito à palavra e à associação das pessoas.

O desenvolvimento do sociativismo manifestou-se na reorientação do corporativismo, do sindicalismo e das associações de defesa do patrimônio do ambiente, associações culturais e recreativas, associações locais de melhoramentos, associação dos desportos etc. Este movimento foi a expressão de uma consciência social e de um interesse evidente pelas questões do desenvolvimento local. Com o 25 de abril ficou claro que grandes setores da população estavam dispostos a assumir o controle do seu destino e dispostos, para tal, a organizarem-se. Paralelamente ao associativismo civil, assistiu-se também a um enorme desenvolvimento do poder autárquico que se traduz na participação, interesse e ação, em particular a nível de freguesia. À freguesia não sei o que corresponde precisamente aqui no Brasil, digamos que é a menor divisão administrativa, que corresponde a uma, duas ou três aldeias, a um território de às vezes 5 ou 10 Km de raio, portanto é a menor de todas. É aí que se sente um melhor empenho neste processo de revalorização das autarquias. É certo que o processo iniciado com o 25 de abril tenha sofrido algumas oposições por parte dos setores mais retrógrados da sociedade portuguesa, e que, passados 20 anos, o prazer da criação e da participação tenha contornos bem mais complexos. No entanto, quanto à centralização política, econômica e cultural são, na sua essência, resultantes da mudança da macroeconomia europeia, julgo não errar ao pretender que a modernização do Portugal contemporânea está passando cada vez mais pela idéia de regionalização e é desta regionalização que saíram os ecomuseus e outras iniciativas museológicas que englobamos na idéia geral de museus locais. Assim, ecomuseologia e a nova museologia em geral podem e devem ser consideradas como aspectos das mudanças profundas da sociedade e não como por vezes se pretende, como expressões de uma museologia marginal ou em ruptura com o sistema.

O que mudou não foi a museologia, mas sim as condições de produção do trabalho museológico. Podemos dizer por agora que a nova museologia deve ser en-

tendida como uns dos aspectos do novo modelo econômico que favoriza a pequena escala, que se opõe ao centralismo político e cultural e favoriza a valorização dos recursos humanos e físicos locais. É neste contexto que se pode compreender melhor os exemplos que vou referir e nos situarmos todos na década de 80.

Foi no Seixal que pudemos efetuar a primeira criação do ecomuseu em Portugal. Trata-se de um projeto da Câmara Municipal, a Câmara que corresponde à vossa Prefeitura, no qual o seu principal animador, Antônio Novaes, soube ligar a autarquia às coletividades locais e às indústrias navais. Atualmente, o ecomuseu criou uma rede de interpretação, apropriação cultural e valorização do Conselho, relançou a indústria naval da Madeira em todo o estuário do Tejo e pôs à disposição da comunidade o mais completo serviço cultural e turístico da margem sul.

Citando Antônio Novaes. "O ecomuseu do Seixal distribui-se por todo o território do Conselho, com a organização de vários núcleos que ajudam a compreender os vestígios materiais, históricos de maior interesse para garantir a identidade, principalmente das entidades econômicas que maior influência tiveram na vida cotidiana das populações locais, desde estações arqueológicas, romanas, estações tradicionais navais, portos, caixas, antigos moinhos de maré, fábricas, armazéns, bairros operários, fornos de cal, até as tintas, núcleos urbanos, históricos, embarcações típicas do Tejo, coretos, estaleiros etc. Na organização e funcionamento do ecomuseu destacam-se os seus objetivos principais - salvaguardar e valorizar o patrimônio cultural e natural do Conselho, em benefício da comunidade local, colocar à disposição da população local instrumentos culturais que ajudem a descobrir e a conhecer o Conselho do Seixal, real e histórico na multiplicidade dos seus aspectos geológicos, geográficos, paisagísticos, arqueológico, histórico, arquitetônico, econômico social, político, tecnológico, etnológico e religioso. O ecomuseu de Seixal se caracteriza por um conjunto de elementos que são como quase todos os

museus deste tipo, território que se identifica com a área do município, participação ativa da população, dos leigos e dos técnicos, memória coletiva, interdisciplinariedade, reutilização, assegurando a conservação do patrimônio, integrado no quadro econômico e social."

Em Mércula, pequena vila do interior alentejano, Cláudio Torres chegou realmente a uma sintonia com a Câmara Municipal, e partindo da riqueza arqueológica da vila, construiu um projeto de desenvolvimento que não só susteve a queda demográfica que se vinha manifestando há vários anos, como também se transformou no segundo empregador do Conselho. O campo arqueológico, a Associação de Defesa do Patrimônio e a própria Câmara Municipal desenvolveram programas que levaram à criação de cooperativas de produtores de mel, de tecelagem, ourivesaria, hotelaria, centro de restauro, centro de investigação arqueológica, à criação de vários núcleos museológico, e agora ao ecomuseu, em colaboração com as autarquias vizinhas do lado espanhol já que Mércula situa-se exatamente na fronteira entre Portugal e Espanha. Um outro exemplo ainda, Setubal, uma cidade a 50 Km ao sul de Lisboa. Aí Fernando Antônio Batista Pereira, Ana Duarte, Isabel Victor, no quadro da Câmara Municipal, criaram uma instituição museológica, que tem vindo a desenvolver um importante trabalho que também tem ligação a associações de empresas, em um serviço que chamaria eu de identificação sócio-cultural. Trata-se de uma sociedade industrial, que viveu nos últimos dois anos uma devastadora crise de desemprego e salários em atraso, e que encontrou no trabalho museológico elementos estruturantes de uma memória operária capaz de contribuir com um posicionamento autônomo da população e passar por recuperação econômica que finalmente se vislumbra naquela área.

Dois casos agora que vou falar e que não dependem das próprias Câmaras. Vilarinho da Furna e Monte Redondo. Em relação à Vilarinho da Furna darei mais uma vez a palavra ao seu animador, Manuel Antunes. Vilarinho da Furna era uma pequena aldeia da

freguesia de São João do Campo, vizinha à Espanha. Graças a sua condição ecológica, Vilarinho da Furna foi uma das últimas e mais típicas aldeias comunitárias da Europa. Devo notar que Vilarinho da Furna foi a aldeia onde Jorge Dias, um grande antropólogo português centrou os seus trabalhos e divulgou em certa medida o comunitarismo agrário no norte do país. Até que a construção de barragem que dá pelo nome da antiga aldeia posterga a sua existência no princípio dos anos 70. E os seus moradores foram então dispersos pelas mais diversas paragens do Conselho de Braga, Viena do Castelo, Ponta Branca, Barcelos etc., onde refizeram as suas vidas nas mais diversas circunstâncias. Os anos passaram, e hoje, estes antigos moradores vilarinhos estão organizados na Furna, associação dos antigos moradores de Vilarinho da Furna, que tem por objetivo a defesa, valorização e promoção do patrimônio cultural, coletivo e comunitário do antigo povo vilarinho. O patrimônio comunitário de Vilarinho da Furna situa-se na zona arraiana, no Conselho Terras do Gouro, um dos Conselhos mais extensos de Portugal e menos povoados, devido aos movimentos migratórios de suas populações, em busca de recursos econômicos que as estruturas locais não possibilitam, ora compulsivamente afastados de suas terras, como aconteceu exatamente em Vilar da Veiga e Vilarinho da Furna. À aproximação do término da construção da barragem no fim dos anos 70, Manuel Antunes estabeleceu um programa de salvaguarda do seu patrimônio cultural. Daí surgiu a idéia de construção do museu etográfico de Vilarinho da Furna.

Vários anos se passaram e o museu, feito com as próprias pedras de aldeia submersa, está finalmente construído pela Câmara Municipal de Terras do Gouro, a escassos quilômetros da antiga população que ficou de baixo da barragem. Além da exposição permanente, há uma parte do museu que está feita neste momento, e há um projeto do qual vos dou conta neste momento, e que se refere a Vilarinho da Furna. Além da exposição permanente que existe portanto, serão organizadas no

museu, exposições temporárias, com peças do museu, com peças etnográficas e obras de arte. E para possibilitar a investigação, terá de haver uma biblioteca e um centro de documentação. Com as instalações do museu vão funcionar a sede da Furna, um bar etnográfico, que fomentará a gastronomia original, e para este também o respectivo equipamento. Uma vez computada esta primeira fase, prosseguir-se-á a sua ampliação, e a ampliação das populações existentes, com novas recolhas, em Vilarinho, e em outras áreas. Apesar de fortemente afetada com a barragem, o património de Vilarinho ainda conta com cerca de 3.000 hectares de terreno e é exatamente esta particularidade deste museu que nos faz trazer aqui como um dos exemplos que se desenvolve atualmente neste país, e que os membros da comunidade, os membros do grupo, que chamo de proprietários verdadeiros deste património, que é uma situação particular.

Todos nós trabalhamos com um património que pertence a alguém, mas que não é propriedade própria. Neste caso é uma situação bastante particular e que pode nos mostrar campos para reflexão - a questão da propriedade dentro destes preceitos. Portanto os habitantes de Vilarinho da Furna são os detentores reais, proprietários dos 3.000 hectares, dispersos pela Serra Amarela e do Gerez. São terrenos comunitários, que, devido às lutas contra as investidas dos delitos florestais desde o final do século passado, acabaram, a partir de 1936, por se transformarem em uma propriedade privada de pleno direito, dos descendentes, dos autor-gantes naturais de Vilarinho, que consta de uma escritura de aforamento dos respectivos terrenos, feita pela Câmara Municipal em 1895. Os moradores de Vilarinho da Furna procederam ao ocupamento integral do património, para o que se prevê a reflorestação dos referidos terrenos situados na Serra Amarela e a criação de uma reserva faunística e o aproveitamento turístico que defenda e valorize o património ecológico existente. Este processo de reflorestação e revalorização destes 3.000 hectares, graças em certa medida à integração de

Portugal na Comunidade Europeia, permitiu um desbloqueamento de cerca de US\$ 2 milhões, que vai custar o reflorestamento deste processo. É certamente, o museu mais rico que existe em Portugal e certamente em muitos países, com um projeto e investimento desta monta.

A reflorestação da Serra considera-se uma tarefa prioritária, de fato, além de ter uma escassa cobertura vegetal, está constantemente sujeita a fogos, como aconteceu este ano. Por isso se prevê, além da plantação com espécies nativas, a criação de infra-estruturas adequadas para a limpeza e vigilância sistemática etc. A parte da reflorestação, procurar-se-a criar condições para um natural desenvolvimento das espécies faunísticas típicas da região a partir da reconstituição de seus *hábitats*, como o javali, o corso, espécies já muito raras no nosso país, da raposa, do texugo, gato bravo, águia real e outros. Dentro desta área, pretende-se também fazer a criação, seleção e apuramento do garano ibérico, esta região montanhosa, revestida de uma flora apropriada, com várias espécies melíferas, constitui uma zona excelente para a apicultura. O fomento da apicultura, baseado em métodos modernos, constituirá uma importante fonte de rendimentos de colocação garantida junto dos turistas que durante quase todo o ano afluem à região, se nela cada vez mais encontrarem melhores condições.

Por fim e como último exemplo, apresentarei também resumidamente o caso do Museu Ecológico de Monte Redondo do qual me ocupo desde 1981. Trata-se de um projeto que aparece com a proposta de criação de um núcleo clássico de etnologia local, rapidamente, no entanto, nos apercebemos dos limites de uma museologia desligada das preocupações da comunidade onde se pretendia inserir. Esta preocupação era ainda mais complexa se pensarmos que quase 3.000 objetos então recolhidos foram sempre oferecidos pela população, do que se poderia concluir que havia uma sintonia entre o grupo dinamizador e a própria população. Na verdade, estávamos era de costas voltadas, fazendo

cada um seu próprio monólogo, nós, como cientistas e a população em busca de sua memória. Tratava-se de dois projetos que se podiam conciliar, sendo a decisão, como em todos os casos deste tipo de museologia, em última análise, do grupo dinamizador. O que na altura não tínhamos percebido é que a comunidade estava mais preocupada com o seu próprio desenvolvimento e que a memória não era um fim em si. Só através de um longo, e devo dizer, doloroso processo de aprendizagem, foi possível dar ao museu uma nova orientação, na qual resultou, no fundo, uma empresa museológica de serviços. Considerando-se que existem vários tipos de empresas que utilizam os utensílios do museu para realizarem determinadas ações que de outro modo seriam inviáveis ou de difícil execução. Assim, algumas indústrias subsidiaram parte de uma exposição no núcleo central onde se revelam algumas especialidades da região, em um meio que se considerava rural, tomou novo significado uma produção local que é exportadora para todo o mundo. Madeiras, produtos agrícolas e alimentos congelados, uma produção que utiliza novas tecnologias. Esta exposição mostra também e sobretudo, que para viver em uma aldeia é cada vez mais necessário uma formação especializada.

Assim se combate a idéia de que a ingressão para a cidade é o único caminho para postos de trabalho melhor remunerados e mais interessantes. Por outro lado, algumas destas empresas possuem a chave do museu e podem em qualquer altura lá levar os seus clientes para lhes transmitir uma imagem do desenvolvimento da região quanto ao estabelecimento de novos contratos. O museu também encontrou a ajuda necessária para montar em seus módulos que colocam nas férias industriais e agrícolas, quer nacionais, quer internacionais. Um outro grupo de artesãos particular na área é a olaria e a tecelagem, puderam através do museu obter financiamentos para melhorarem as suas instalações e valorizarem a sua produção. Pela abertura de feiras de artesanato decuplicaram-se em alguns casos as vendas dos produtos. E através de ações de

formação contrariou-se a obrigatoriedade de reproduzirem-se sempre o que era considerado tradicional. Novas formas, novas cores, novos produtos e naturalmente novos preços afastaram o abandono da atividade que, em alguns casos, estava iminente. Em outra ocasião, cerca de 50 costureiras organizaram um concurso de moda, com direito a passarela que foi montada em pleno campo. Ai trinta modelos, locais naturalmente, apresentaram o que melhor se fazia na região e não tenho dúvida que saiu reforçada e valorizada uma atividade que integra o orçamento doméstico de tantas famílias e isto promoveu certamente a criatividade e a qualidade. Por outro lado, a médica residente tem promovido ações de informação no que diz respeito à saúde para adultos e jovens, graças ao apoio logístico do museu.

A junta de Freguesia conseguiu fazer parar uma estrada, graças a um estudo sobre a circulação rodoviária que solicitou ao museu. Para turistas, grupos e escola, criou-se um circuito com a museologia que é adaptado de cada vez de acordo com os objetivos do grupo que solicita a visita. Cedemos espaço para um clube de jovens, para a instalação de uma turma de recuperação escolar, e, para o próximo ano letivo, para uma escola profissional. Estes exemplos mostram o que é Monte Redondo, o museu é entendido como um conjunto de utensílios de formações que estão à disposição da comunidade. O nosso acervo são as preocupações da comunidade, o nosso museu é, no fundo, uma caixa de correio e um baú de ferramentas. Apresento um quadro, uma espécie de organograma que dá conta desta situação.

Portanto situamos o museu efetivamente como um sítio onde há um conjunto de ferramentas e utensílios. E este serviço nos dá esta base, este centro tem por base, neste momento, o grupo das empresas, o grupo das escolas e o grupo dos artesãos.

Poderíamos ter outros, de fato não temos. Os outros são apenas, no caso da médica, ou situações pontuais que nos aparecem. Isto vai um pouco de encontro

ao que o Ulpiano dizia ontem, não é a comunidade em geral que participa no museu, são grupos de interesse. E estes grupos de interesse concretamente são estes deixando aqui, outros, além dos exemplos que vos citei. E estes grupos de interesse encontram no museu um conjunto de utensílios que lhe são úteis. A museografia que os ajuda a desenvolver um certo número de projetos, ou um serviço de edição, um serviço de memória que de fato acaba por ser um grande armazém, temos cerca de 3.000 objetos que carregamos como uma cruz desde há dez anos, mas agora temos que assumir esta responsabilidade, este serviço de memória e estes objetos todos igualmente, toda a documentação que fomos recolhendo e que agora, de fato, são o grande empecilho ao desenvolvimento do museu.

É quase uma certa contradição mas provavelmente, não hoje que estamos a discutir a situação geral dos museus em Portugal, mas também amanhã talvez, se poderá falar um pouco melhor. E temos espaços que pomos à disposição dos diferentes grupos de interesse que precisam de espaço para desenvolverem as suas atividades, quer sejam as escolas, quer sejam quaisquer outros. E através destes utensílios, no fundo, é possível organizar o apoio logístico a determinados tipos de projetos, é possível organizar ações de apoio escolar e ações de formação, por exemplo, para com os professores ou ações de complemento curricular para com os próprios alunos das escolas, através destes utensílios é possível criar as feiras de artesanato e a exposição permanente que de fato caracteriza a nossa área e valoriza, no fundo, o pouco que nós descobrimos, que afinal altera muito, que havia na própria área, quando já percebemos, e quando as pessoas se apercebem que se exporta produtos congelados do Japão aos Estados Unidos; que se mandam madeiras para todo o lado, e porque estas fábricas em geral são fechadas, não são transparentes, ninguém se apercebia que dentro destas empresas existia já uma tecnologia extremamente desenvolvida e ao encontro do que se

ressaltou, que, para se viver na aldeia, é necessário uma formação especializada.

Isto são algumas daquelas coisas que me parecem interessantes, que este tipo de exposição, que não é uma exposição sobre o passado, é uma exposição sobre o que há de mais moderno dentro da povoação, é esta parte que nós salientávamos e que, no fundo foi ao encontro de algumas necessidades que não são obrigatoriamente do povo, ou do povão, como dizem, mas que podem ser até ao serviço daqueles que geram, no fundo, a economia da área. É também através disto que temos nesta parte aqui as feiras, o apoio que damos a nível de *design* e outros aos industriais da área, às outras feiras que são as feiras do artesanato, são a gastronomia local, através de restaurantes da área, e o ecomuseu, e aqui me parece que é minha vontade deixar efetivamente o ecomuseu, a ecomuseologia, como um dos aspectos e um dos métodos de trabalho de um conjunto mais vasto de museologia. E não esgotaria o projeto de Monte Redondo dentro da ecomuseologia, mas é-me útil a ecomuseologia na medida em que me permite utilizar técnicas que já então suficientemente desenvolvidas, em particular as dos circuitos de descobertas.

Neste sentido, posso de fato reafirmar que o acervo são os problemas da comunidade, e que o museu é uma caixa de correio e um baú de ferramentas. Apresentamos uma imagem do trabalho dos novos museus em Portugal. Certamente poderíamos alargar os exemplos e classificar melhor as inúmeras atividades. Evidentemente, este tipo de museu em Portugal, sei lá, dizem que há 300, não estou certamente a errar muito. Muitos deles não estão a fazer um trabalho com uma teorização do que estão a fazer, mas também, no fundo, também não é importante. O fato é que, na prática, à volta destas outras associações de que vos falei, há um grande movimento cultural que passa efetivamente pela museologia, passa pelo agrupamento, passa pela associação, e há inúmeros museus por todo o país, museus, portanto privados, como o nosso, ou museus das Câ-

maras, e poderia citar uma série de outros museus em toda a margem sul do Tejo, todas as populações tem museus com idéias da ecomuseologia, uns mais outros menos, mas são museus que estão preocupados com outros problemas que não são exclusivamente os de suas populações. Poderíamos citar também um outro projeto da Manuela que está aqui presente: um projeto piloto de renovação de museus escolares em Portugal e que utiliza e se fundamenta exatamente nestes princípios da nova museologia, como temos vindo a falar. Certamente que poderíamos alargar os exemplos e explicar melhor as suas inúmeras atividades. Mas me parece entretanto mais útil falar de algo que utiliza também este processo em Portugal.

As práticas museológicas são acompanhadas por um possível debate, no qual participam museólogos de todo o país sobre o papel da nova museologia na sociedade portuguesa. Esta reflexão coletiva tem expressão em particular durante as jornadas sobre a função social do museu que um grupo português organiza há cinco anos. Ai se debatem questões tão variadas como a profissão de museólogo, participação, propriedade, poder de decisão, estrutura e territórios da museologia, identidade, museologia e integração europeia etc. Estas jornadas são a ocasião para confrontar as práticas de cada um e ajudar a construir uma consciência crítica destas mesmas práticas, e é um momento no qual conseguimos situar o nosso trabalho na sociedade portuguesa. Raramente há encontros nacionais sobre museologia e autarquia que também fazem parte deste esforço de reflexão. Em outubro próximo, cerca de 200 participantes estarão em Setubal para debater as questões da descentralização do poder autárquico e da museologia social.

Enfim, uma terceira componente deste trabalho de reflexão é o esforço de formação que temos vindo a desenvolver desde 1989. Falo do curso de pós-graduação em museologia social que funcionou primeiro na universidade autónoma de Lisboa, e que é proposto agora no Instituto Superior de Matemática. É preciso, no en-

tanto, dizer que o ensino da museologia em Portugal se limitou desde sempre à existência de uma ou outra cadeira dispersa em seminários em cursos de licenciatura, de história, de história da arte, de antropologia, apenas por duas vezes foram propostos cursos de conservador, um há uns vinte anos atrás, que durou seis meses, e o outro entre os quais, por iniciativa do IPPC, no fim dos anos 70, com a duração de dois anos. Assim não é exagero pretender que a universidade portuguesa se manteve no essencial sempre alheia à formação superior na área da museologia. Quando propusemos o curso de museologia social, o bloqueio do meio universitário foi total e desesperante. Por um lado, a universidade não reconhecia a museologia como uma área do saber, e por outro lado os conservadores nos viram como uma ameaça ao seu, verdade seja dita, bem poucos privilégios. Se houvesse um dia a museologia, esta seria sempre no quadro de história da arte e voltada para o trabalho com os objetos. Ora, a situação é hoje totalmente diferente. Feita a demonstração de que havia espaço, matéria e utilidade para levar a universidade a ocupar-se da questão da museologia, estão anunciados para o ano que vem quatro novos cursos em pós-graduação em outras tantas universidades. Para nós a próxima etapa é demonstrar que o ensino da museologia deve se situar também a nível da licenciatura, estando encaminhado igualmente para o próximo ano letivo. Mas, voltando ao curso de museologia social, este curso apresenta de formas organizadas um conjunto de disciplinas que se inspiram diretamente nas questões debatidas nas jornadas e que são reflexos dos problemas, projetos e aspirações dos museus que temos vindo a falar. O seu currículo, e apenas cito os títulos de algumas disciplinas, é o seguinte: a função social do museu, esta carreira deu muito trabalho de se fazer compreender ao meio universitário que havia matéria suficiente para haver uma cadeira que se chamava função social do museu; história da museologia; museologia e história comunitária, administração e gestão cultural, museologia e história local, organiza-



ção do patrimônio museológico. No segundo ano: formas e meios de comunicação, introdução ao pensamento contemporâneo, conservação e restauro, ambiente natural e museologia, museologia e desenvolvimento local, etnosociologia do desenvolvimento, e legislação aplicada. Enfim, três ou quatro seminários, a ação empresarial e cultural, sistemas de informação, museologia e autarquias, e um seminário de aplicação.

Falta-me agora dar conta de algumas questões conceituais que estão no centro das reflexões sobre a nova museologia em Portugal. São nove questões que têm pela sua apresentação resumida um caráter reductor e à primeira vista não transmitem o caráter interrogativo que de fato elas têm no nosso trabalho. Na verdade, para nós, são outras tantas perguntas às quais andamos ainda a procura de respostas. Resumidamente, portanto, em relação aos intervenientes, os produtores da nova museologia são os membros de uma comunidade, com setores de sua população que se agrupam para promover projetos que correspondem aos seus interesses comuns. Território de intervenção. Cada grupo trabalha sobre um território de intervenção que é composto pelos patrimônios físicos e humanos sobre os quais se desenvolvem os projetos de ação. Área de influência do museu. A articulação entre o conjunto dos grupos e os seus territórios de intervenção permite definir a área de influência de cada museu.

Esta área pode ser definida para cada período, no fundo para cada dia, da sua atividade, é evolutiva e exprime através da sua formação e de sua contínua transformação as próprias contradições sociológicas da comunidade. O conhecimento do meio. Toda a intervenção realizada no quadro da nova museologia implica a análise rigorosa dos dados de cada projeto, a investigação a desenvolver deve corresponder às necessidades de cada projeto e realizada no seio de cada grupo. A comunicação. Cada projeto, sendo um trabalho coletivo, devido ao direito de decisão, seja efetivo e consciente por parte de cada um dos atores. Formas de participação.

A participação e os níveis de empenhamento dentro de cada grupo exprime a natureza dos projetos e o real desenvolvimento de condições permanentes. A função do museólogo. O funcionamento do novo museu baseia-se na existência de grupos que agem sobre o seu próprio futuro, retira do museólogo o seu tradicional poder de decisão sobre os projetos, a sua competência afirma-se melhor quando coloca a sua formação específica ao serviço dos diferentes projetos. A propriedade do museu. O direito de propriedade sobre estruturas físicas de cada museu determina em última instância a orientação geral do trabalho museológico.

Enfim, para concluir gostaria de trazer aqui um paralelismo das transformações da empresa em geral e as novas tendências de organização do trabalho museológico. São preocupações que de fato estão no debate que no momento é ativo em Portugal sobre estas questões. Como paralelismo que vamos enunciar se refere a questões da empresa em geral, é bom desde já esclarecer que este paralelismo não se limita apenas à transformação de um museu subsidiado em um museu produtor de lucros, gerido como qualquer empresa. Esta transformação, por certo, real, não resumisse a essência da mudança. O que nos preocupa é a natureza idêntica da transformação de idéia da empresa e da idéia de museu e não a transformação em si da instituição museu em empresa rentável. Esta última ordem de fatos, no estado atual da exposição, não é mais que um aspecto secundário. No que diz respeito à nova idéia de empresa, vamos utilizar um clássico, uma obra já conhecida, escrita por Patricia Aberdeen, com o título "Reinventar a empresa, transformar o trabalho e a empresa para a nova sociedade em formação". A razão da escolha é simples. A reflexão de certos autores na área da economia sobre a sociedade em geral está bem mais desenvolvida do que aquela produzida pelos autores das chamadas ciências humanas e certamente muito mais do que os autores da própria museologia.

Este tipo de análise extremamente pragmática faz parte de uma observação séria das transformações do

cesso ao meio onde se inserem. Ao definir-se uma área de influência assinalada pelos limites mais ou menos materializados e marcas de propriedade, mas não se está a fazer do que tomar posse do agora seu território. Os circuitos de descobertas, tão desenvolvidos na eco-museologia, são formas de posse que ultrapassam o discurso museológico, o qual, só em uma primeira abordagem, lhes serve de justificação. A cartografia, as cartas indicadoras para o curso, os espaços de paragem, de observação, são uma forma de cadastro, são o cadastro cultural de cada território. Em Portugal, a relação entre o museu e o utilizador tem vindo a ser modificada no sentido de melhor implicação deste no trabalho museológico, orientado cada vez mais para a satisfação de suas necessidades individuais e coletivas. Esta relação passa a ver a propriedade sobre o meio e, conseqüentemente, sobre o museu, flexibilidade do museu para funcionar como utensílio de intervenção social, pela valorização das competências, por estruturas de gestão não-hierarquizadas e participadas. Na era da informação, pensar que o museu continuará a desempenhar a função de conservação nos termos tradicionais, é, em nosso entender, uma grande falta de realismo. Todos estes pontos, aliás a idéia de museu tradicional, representa, por outro lado, e para um número cada vez maior de museólogos em Portugal, a própria transformação da idéia de museu, paradoxalmente aos museus tradicionais que cada vez mais se inquietam, como se fosse possível parar mudanças que têm raízes profundas nas próprias necessidades da sociedade. E era tudo.

#### Presidente da mesa

Não foi longo, porque acho que foi muito interessante principalmente por poder ver os aspectos de uma mudança de um país, que, politicamente, para o seu próprio povo estava tão fechado e depois, com a eclosão da abertura, trouxe à tona aquilo que estava já fomentado internamente, questões que estavam muito guardadas e que conseguiram eclodir e realmente tomaram

este rumo tão moderno que a gente viu na sua exposição. Gostaríamos de abrir o espaço para perguntas no mesmo sistema de ontem, os interessados em perguntar, que se identifiquem e cada um terá dez minutos entre a proposta da pergunta e a sua resposta.

#### Carlos Maia

Sou Carlos Maia, físico do Observatório Nacional, Secretário Regional da SBPC, que é a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Nós temos acompanhado vivamente a experiência portuguesa em áreas mais específicas de intervenção social em comunidades localizadas, como as áreas relativas aos processos de conhecimento, em particular o conhecimento científico e tecnológico. Neste momento em que o Rio de Janeiro é brindado com este encontro muito propício, no momento em que esta Secretaria Municipal de Cultura favorece a instalação de um centro de ciências para a cidade voltado para uma intervenção na área do ensino, em particular do ensino fundamental. Em Portugal nós temos acompanhado a produção do professor Bragança Gil, que ainda, em fins da década de 80, era presidente da comissão de instalação do museu de ciência e tecnologia da Universidade de Lisboa. Nós gostaríamos de saber qual a sua opinião pessoal, em que pé está a situação dos museus de ciência em Portugal e a sua acoplação ao processo educacional. Seria também útil... uma dificuldade que enfrentamos aqui no Brasil, o que se explica inclusive pelo perfil daqueles profissionais que levam a proposta de museu de ciência muito mais voltados para profissionais especificamente da área científica e tecnológica, onde a presença do museólogo em geral se faz ou ausente ou rarefeita. Como em Portugal enfrenta-se esta questão?

#### Mário

Penso que se enfrenta bastante mal. E o museu de ciência ao qual o senhor se referiu, e que ninguém mais sabe como se chama, é um museu que me parece estar bastante encalhado, o que não quer dizer que já não

haja alguns pólos do que será o futuro museu da ciência e que, estes sim, introduzirão uma outra metodologia. E estou me referindo especificamente ao Museu de Mineral da Faculdade de Ciências, onde existe uma equipe que é perfeitamente dentro do espírito da "nova" museologia e que tem um trabalho que me parece extremamente sério, de uma ligação entre este museu e uma série de grupos de interesse, que vão desde grupos escolares até o grupo do próprio bairro, mas também tenho que dizer que este trabalho que me parece ser importante, é feito, no fundo, à revelia dos chefes deste grande projeto de renovação dos museus da ciência em Portugal, que, digamos não os impedem de fazer mas que também chateiam muito quando este grupo no museu de Mineralogia quer trabalhar, e falo naturalmente de Cesário Alves que é um dos principais animadores da nova museologia em Portugal, com vários textos publicados. Ele conseguiu criar um espaço, mas, de fato, não há grande abertura, e mais ainda, este grupo do museu das ciências não imagina e nem quer e opõe-se à criação da formação da museologia no meio universitário. É uma situação um bocadinho dramática, no fundo pensávamos que as pessoas das ciências exatas trabalhassem de outra maneira, não é bem o caso, e aí encontramos de fato bastante dificuldades. Não sei se resumidamente dá uma idéia, não é particularmente otimista o que se está a fazer a nível do museu da ciência.

#### Presidente da mesa

Peço licença para um aparte. As pessoas que participaram da Tiomus, em 1990, assistiram aqui no Rio a uma demonstração muito interessante do professor Galopim de Carvalho e a sua família que trabalha unida no Museu de Ciências Naturais, o César Lopes, com demonstrações maravilhosas ligadas justamente à área de educação. Tinha um programa interessantíssimo para crianças sobre dinossauros, outro sobre geologia, na analogia à geologia e à arte da natureza, coisas fantásticas neste sentido, mas realmente foi demonstrado

por este grupo o pouco apoio que eles recebiam da área universitária em si, mas acho que este talvez seja um fenômeno também muito brasileiro e do qual os profissionais de museu, não só os museólogos, mas também os profissionais interdisciplinares, sofrem muito ao trabalhar nos museus de ciências naturais, principalmente.

#### Sinvaldo do Nascimento

Sinvaldo do Nascimento, do Núcleo de Orientação em Pesquisa Histórica de Santa Cruz. Mário, eu fiquei muito impressionado ontem com as observações e as colocações da Manuela a respeito do museu escolar. Eu gostaria que você falasse mais um pouco sobre esta experiência, se os professores têm alguma ligação com a museologia, como se processa a seleção das exposições, enfim que nos brindasse um pouco mais com informações sobre o museu nas escolas.

#### Mário

Logicamente que eu pediria à Manuela, que é encarregada de um projeto nacional de renovação dos museus escolares, que falasse por ela própria.

#### Manuela

Bom dia a todos. Sou professora de geografia ao equivalente à 8ª série, depois do 2º ano do 2º grau, até entrar na universidade. A minha escola tem 4.000 alunos e 250 professores. Acontece que tínhamos um museu cujo acervo, até o 25 de abril, era cedido pelo Ministério. Mas estes museus escolares estão desativados, está certo muitas coleções que desapareceram, outras que estão em sótãos, outras que estão completamente postas de lado. Acontece que existe, a nível do Ministério de Educação, um instituto que se chama Instituto de Renovação Educacional em que os professores podem apresentar projetos nas áreas variadíssimas, desde o complemento curricular, à área dentro dos currículos propriamente ditos.

Eu criei um projeto no sentido de modernizar os museus escolares, dentro de uma perspectiva diferente não do acervo curricular, mas também alargando a um território que vai abranger as coleções dos alunos. Isto quer dizer que o nosso acervo não é só um acervo dentro da escola mas também as próprias coleções dos alunos e todo o espaço envolvente, tanto do patrimônio edificado, como o próprio homem, quer dizer os problemas que a escola tem, os problemas que os nossos próprios alunos têm. Elaborei este projeto, tivemos um pequeno subsídio do Ministério para o implementar e iniciarmos dentro da escola a divulgação do trabalho. Claro que fizemos uma ação de formação de professores, houve uma aderência de 250 pessoas, porém só foram 20 à ação de formação, isto se deve porque as pessoas não são motivadas nem têm o perfil para estes trabalhos porque vão dar as aulas e fogem para outros tipos de colégios para ter um complemento de salário, o professor em Portugal também não ganha assim tão bem, como aqui.

É a mesma situação, isto de dar as aulas e ir embora. Este projeto é de complemento curricular, quer dizer, não é de dentro das aulas, mas os alunos podem se inscrever a nível de voluntariado fora das aulas para terem determinada dinâmica. O que fazem dentro do projeto? Museografia. Mas para isto têm que fazer investigação. Ora, fazem investigação dentro dos seus interesses. A primeira exposição que fizemos foi sobre o *surf*, porque 10% da nossa população é surfista e não era prestigiada, porque surfista normalmente não trabalha ou não apresenta os trabalhos na hora exata, porque ele vive ao ritmo da natureza, porque ele vai para as ondas, e lá é no inverno que existem ondas, de forma que ele falta por vezes às aulas, entrega os trabalhos fora de prazo, e para nós professores o jovem surfista não era bem aceito. De forma que, indo de encontro aos interesses dos jovens, eles fizeram a investigação do vocabulário nas aulas de inglês, fizeram a história do *surf* nas aulas de história, a história das ondas e dos ventos nas aulas de geografia, e com isto

houve toda uma investigação a nível curricular e um museu escolar no seu clube de jovens como seu complemento curricular, fizeram uma exposição sobre o *surf*. A partir desta exposição, que foi bem interessante porque não apresentamos painéis nenhum, foi um grande móbil em que as fotografias deles próprios e de todo o departamento de investigação eram colocadas em caixas de cartão. Esta exposição teve oito dias em que passaram 4.000 alunos e não tinha nem sequer um toque, quer dizer, não mexeram em nada. E todas as exposições que eram feitas na escola antes eram danificadas, eram partidas, tínhamos que ter seguranças a tomar conta, e afinal quando se vai de encontro aos interesses deles permitindo-lhes também a fazerem as exposições, eles têm respeito pelo próprio trabalho e não danificam.

Outra questão que depois fizemos sondagem, e temos aí um exemplar na questão da sondagem da opinião, verificou-se que eles gostam deste tipo de trabalho, de nível de museografia dentro da escola, porque sentem auto-estima, porque em 4.000 alunos, o aluno praticamente não existe. Ele vai lá recebe aulas e vai-se embora. Se houver um trabalho neste sentido ele começa a gostar da escola porque começa-se a rever o trabalho que ele faz. Isto foi um pouco resumido, mas foi a primeira ação que se fez para divulgar um projeto dentro da escola. Depois, a partir daí, tem-se feito outras exposições de encontro aos interesses deles, de coleções que eles trazem de casa, de concursos de fotografias das próprias coleções em que eles têm que aparecer, personalizadas, as coleções deles.

Estamos a elaborar uma de *skate*, porque se temos um grupo de surfistas na escola também temos um grupo de *skate*, e foi exigência dos próprios que queriam também ser representados. Há trabalho em conjunto para conhecer o nosso território, pedimos auxílio a museus que colaborem conosco no aspecto de investigação porque ficamos junto ao mar e temos um grande acervo no âmbito de geologia. Neste momento o museu está dividido em seções. Tenho a Seção de Edi-

ção e Difusão de Documentos, que tem boletim, fotocópia; temos outro serviço que é o Centro de Catalogação, em que os jovens não se limitam a fazer a catalogação da produção deles próprios, mas também fazem álbuns temáticos. A outra seção que é Intercâmbio de Jovens, e estamos em intercâmbio com uma escola da Guiné-Bissal, estivemos na Guiné em novembro, com três jovens no museu que também participaram com os jovens da Guiné.

Neste momento estou tentando fazer um intercâmbio aqui porque o Colégio Peixoto também quer fazer intercâmbio conosco, com uma exposição sobre o Oceano Atlântico que talvez em 94 ela estará executada dentro das escolas todas da faixa atlântica e com os museus que queiram colaborar. Em termos de intercâmbio de jovens, há um grupo que faz cartas, traduz para o francês, traduz para o inglês, isto antes de trabalhar efetivamente na exposição do Oceano Atlântico. Depois há outra seção, que é de Museografia, em que eles tentam divulgar a produção da escola através de exposições. Isto quer dizer que outros colegas que tenham a nível de outras disciplinas no âmbito da sociologia e da história e que tenham produzido um determinado trabalho em que antes era feita a exposição de trabalhos, agora eles vão estar juntos do grupo do museu e pedir para eles ajudarem a conseguir a exposição. Por isso a concessão e a realização da exposição é um processo de aprendizagem em que eles tentam sintetizar as idéias da produção que fizeram, através de uma pequena exposição síntese, e a exposição não é a exibição propriamente dita porque ela poderia fechar quando acabasse de ser feita. Há um processo de aprendizagem, isto não é um produto mas sim um processo importante dentro da escola, que é diferente do museu fora da escola em que o importante é o produto e não o processo, porque o processo muitas vezes não se vê. Depois há uma seção de visitas de estudos em que eles fazem toda as cartas. Em Portugal há um problema, o aluno aprende determinadas matérias mas não aprende a escrever uma carta, a pedir um

subsídio, a pedir que lhes dêem uma viagem, ou uma caminhonete. Eles estão a aprender a redigir cartas. Isto também é um aprendizado que eles fazem. Há uma de animação de interiores que é dos meus colegas de programação visual. Isto quer dizer que há toda uma dinâmica. Neste momento estamos sem professores e os alunos não são os 4.000. A comunidade escolar reflete em tudo que o museu faz, mas quem praticamente produz são determinados grupos, conforme os interesses, no caso foi os surfistas, agora são os skatistas que estão a trabalhar etc., conforme os interesses...

### Mário

Eu gostaria de dizer que há um ano atrás pediram da organização de educação em uma cidade no centro do país um seminário sobre museologia e forma educativa e quem organizou este seminário foi a Manuela e duas alunas com 13 e 14 anos para este seminário, e quem fez e orientou o seminário, foram as duas alunas. Evidentemente que elas estavam um bocado intimidadas porque tinham a frente delas 40 professores, elas com seus, 13, 14 anos explicaram o que era a museologia, para o que servia, o que aquilo tinha mudado na escola, como aquilo lhes era útil, uma professora que queria ser provocadora perguntou se o museu era grande, se tinha muitas coisas, ela não se deixou apanhar e disse que era bastante grande que chegava até a casa. Para não ser extenso, só queria me referir ao fato que, neste momento, a reforma de ensino em Portugal está sendo feita sob forma educativa, sendo constantemente solicitados para fazer formação, a nível dos sindicatos dos professores também, então estão presentes pessoas das várias partes do país e elas são os intervenientes neste processo de formação e uma das questões fundamentais é que elas dizem que o professor dentro da aula é uma coisa e fora da aula é outra e que o museu lhes tem servido para ter uma atuação mais efetiva entre professor e aluno, isto tem que durar neste sentido.

### Ulpiano Bezerra

Ulpiano Bezerra de Meneses, Museu Paulista da USP. Eu gostaria de chamar a atenção para uma das contribuições substantivas da sua exposição, uma necessária lufada de oxigênio, na observação das insuficiências do museu ancorado no gueto da cultura. Claro que se trata de uma noção idealista de cultura, de uma noção reducionista da cultura, bem cultural, uso cultural, função cultural, assim por diante, que é, no fundo, a consideração da cultura como sendo um domínio a parte da vida humana e não como sendo uma dimensão da totalidade da vida humana, porque cultura é uma questão de sentido e este universo de sentido deve permear todos os desvões da existência humana, portanto se trata de uma questão de qualificar a existência e não de estabelecer dentro dela algumas áreas privilegiadas. E me parece ainda que o museu não resolveu muito bem este encaminhamento neste campo cultural e é paradoxal porque já somos capazes de perceber o valor cultural da atividade econômica, ou o contrário, o valor econômico dos bens culturais da atividade cultural.

Isto é um dado já pacífico, existe até um mercado cultural que mostra como temos uma consciência aguda deste aspecto, o inverso, entretanto, ainda está por ser definido, isto é, a percepção, o aproveitamento, a exploração do valor cultural do bem econômico, o valor cultural da atividade econômica. Nós tivemos uma experiência traumática no início do governo Collor com o seqüestro da poupança, com o seqüestro das contas correntes, e neste momento é que começou a se perceber que há uma dimensão cultural neste fenômeno que não foi levada em conta, e que foi uma das principais razões pelas quais este plano econômico não deu certo. Foi justamente a insensibilidade para os aspectos culturais implicados que provocou a falta de apoio empresarial para o museu. Mas aí eu me pergunto, nesse modelo empresarial é claro que não há muitos problemas na visão de como devam ser as formas de opera-

ção, as metodologias, a racionalidade. Mas eu me pergunto, e com relação aos objetivos? Como fazer para, dentro desse modelo empresarial, conciliar as contradições entre aquilo que se poderia chamar a racionalidade econômica, que, afinal, é o que determina o objetivo da empresa, quer dizer, são as necessidades do mercado, a racionalidade social porque, dificilmente, essas duas racionalidades partem das mesmas premissas e chegam aos mesmos pontos finais. Basta dizer que, por exemplo, uma série de questões que são envolvidas por essa problemática de ecomuseu como, por exemplo, o desenvolvimento regional e o desenvolvimento urbano que, no caso brasileiro, talvez seja muito mais agudo do que em Portugal. A noção de desenvolvimento é uma noção completamente diferente na ótica da empresa, na ótica do mercado e na ótica dessa racionalidade social. Por exemplo, uma série de efeitos do espaço mercadoria, nesse quadro de desenvolvimento, funciona de uma maneira completamente diferente segundo a racionalidade econômica seja a do mercado, isto é, a da especulação imobiliária, por exemplo, a necessidade que no espaço urbano existe de tornar instável a relação entre o lote e a estrutura e entre a estrutura e a função, isso faz parte das exigências do mercado e, no entanto, isso implica, do ponto de vista da racionalidade social, a apropriação, a expulsão de habitantes, e assim por diante. Como conciliar, nesse modelo, o que eu acho necessário, sobretudo do ponto de vista metodológico, estas contradições entre racionalidade social e a racionalidade econômica?

Esta é uma situação um bocado difícil, é uma questão fundamental. Mas, digamos que eu responda de uma maneira muito simples, eu não faço ilusões sobre o papel da museologia como fator de transformação da sociedade. De fato, é o grande poder econômico o que condiciona a sociedade e nós, com a nossa museologia, tentamos, num ponto ou noutro, limar as dificuldades desse próprio sistema, mesmo quando esse sistema é profundamente injusto. Se me perguntassem isso há 10 anos atrás, eu falaria, provavelmente, no pa-

pel quase revolucionário da nova museologia. Mas, na época, eu envelheci porque penso que compreendi melhor o processo, não há um papel revolucionário da museologia no meio disso tudo, ela é parte do sistema, é como dizia há um bocado, é uma nova maneira, é a maneira contemporânea de fazer museologia. E que se integra dentro do projeto das instâncias dominantes que, aí, nós não conseguimos fugir. Por outro lado, também é verdade que a maneira como abordamos o problema é uma maneira que provoca a autonomia das pessoas, leva as pessoas a refletir, leva as pessoas a tomar decisões, a organizar-se e isso é que uma situação perversa dentro do sistema econômico onde todos nós vivemos. Que isso trará repercussões mais tarde, provavelmente que traz. Mas, da minha parte, há um grande desencantamento nesse aspecto de museu como aspecto de transformação nesse sentido em que disse. Ele, sim, pode ajudar a resolver as contradições do sistema, isso eu não tenho a mais pequena dúvida. Agora, mudar o sistema, aí não. E a questão da rentabilidade social e da rentabilidade econômica, evidentemente, num sistema que é injusto, as coisas se contradizem, e continuarão a contradizerem-se. Mas isso é uma aproximação, mas também que não fique no ar uma idéia pessimista da situação. Acho que é apenas um olhar realista sobre o mundo em que vivemos, as coisas funcionam assim, nós estamos dentro disso, se fizermos qualquer coisa que seja fora daquilo que serve ao sistema, quer seja aqui, quer seja na América, quer seja em Portugal, não tem problemas, é afastado, é saneado. Portanto, acho que não tenho ilusões, eu sou realista, nossa intervenção é muito pequena, não conseguimos resolver essas contradições.

#### Participante

Eu queria lembrar esse problema do museu-empresa e empresa-museu, que é uma coisa muito interessante. Eu sei que nós estamos aqui num seminário de ecomuseus onde a gente propõe aberturas maiores mas ainda persiste alguma coisa chamada instituição-

museu que tem uma série de obrigatoriedade conceituais e éticas com relação a acervo, qualquer tipo que seja ele, um fiapo de linha, um rabisco de um louco, uma panela da nossa avó, aqueles que vão tomar conta desse museu e que vão tentar trabalhar esse museu a nível de comunicação, a nível, digamos assim, de revalorização de uma memória. Nós temos toda uma postura ética em relação ao acervo, qualquer que seja ele. Então, eu acho que esse afã da modernização, de chegar junto das teorias econômicas para que nós possamos sobreviver a níveis financeiros e econômicos, nós temos que pensar muito profundamente porque a nossa ciência museológica, o nosso fazer museológico tem, no dia a dia dele, uma série de colunas importantes estruturais para que nós possamos trabalhar ainda naquilo que se denomina instituição-museu. Porque senão eu acho que nós vamos esgarçar tanto esse mundo que a gente vai ter que procurar outros tipos de função e, muitas vezes, renegar a de museu. Eu não sei, isto é uma reflexão que me passa.

#### Ulpiano Bezerra de Menezes

Deixa-me só fazer um parêntese. Exatamente, a questão de ligar a idéia de empresa, vida empresarial e vida dos museus é a minha preocupação, mas não é, de fato, introduzir nos museus a gestão empresarial da indústria corrente. É introduzir nos museus uma nova concepção de organização de empresa. Porque a rentabilidade não é obrigatoriamente uma rentabilidade econômica, mas não temos que excluir a idéia. É evidente que o museu tradicional, pois ele tem tudo para fazer dele uma situação perfeitamente ultrapassada, quer dizer, o museu não deve viver no seu próprio tempo, é o caso da situação atual. Pronto, há aí barreira. Mas, mesmo se ultrapassasse isso, nem dois museus podiam funcionar sob forma de organização empresarial atual, mas de uma organização empresarial do anos 60 ou dos anos 50, ou do fim do século passado. Não, o que nós pensamos, já que a obtenção de informação é um fator extremamente importante para tomar decisões,

para organizar a sociedade, para organizar as pessoas, e é esse tipo de empresa que se fundamenta na gestão de informação, que se estrutura nesse nível, é essa empresa, digamos, que me interessa porque traz métodos para a museologia que são métodos contemporâneos, são métodos que estão adequados, no fundo, às forças sociais que justamente as produziram, se produziram para a economia por que não produzir justamente para o museu?

#### Mário

O Professor Ulpiano trouxe uma questão que bate há muito tempo na porta do mundo cultural, quer dizer, como integrar a questão econômica com a questão social, portanto, com a questão cultural? E, primeiro, era uma resposta praticamente impossível porque ou se coloca a mudança radical da sociedade para que o econômico pudesse adquirir uma nova forma, um novo conteúdo também, ou se desistia disso, se aderiria francamente à organização econômica atual da sociedade e se tratava de me adaptar a ela. Quer dizer, no caso concreto, se o museu é particular ou não, se cobra por ele ou não, se a cultura vai ser paga ou se vai ser gratuita, que o poder público vai ajudar a cultura ou não. Mas isso foi, digamos, isso caminhou normalmente até o momento em que a economia começou a atingir um limite que era o limite dos recursos naturais. Quer dizer, hoje em dia, a economia, tal como ela vinha vindo da sociedade capitalista, como ela vinha se desenvolvendo, atingiu um limite, que é o limite das riquezas naturais. Quer dizer, está-se vendo que não se pode continuar da mesma forma a tratar a natureza como um inimigo que tem que ser subjugado. Como foi dito tantas vezes e, inclusive, escritas tantas páginas a esse respeito. É preciso tratar a natureza como um aliado precioso. Então, a partir daí é que está havendo um questionamento da questão econômica, quer dizer, como tratar a economia num mundo em que os recursos são limitados? Então, a partir daí, a questão social também está sendo desenhada de outra forma. Quer

dizer, como será redesenhada a sociedade que contenha uma economia que respeite o fato de que os recursos naturais são limitados, portanto, que o homem é limitado. Então, a questão, essa questão está na própria origem desse Encontro, que era, quer dizer, ao vermos essa situação em geral, a situação do Rio de Janeiro em particular, e o estudo do caso da Zona Oeste especialmente, que tipo de desenvolvimento nós nos temos dado que produz um desequilíbrio a nível da cidade, a nível do município tão grande, que temos uma Zona Central e uma Zona Sul que são, proporcionalmente, um primeiro mundo e uma Zona Oeste que, numa análise, digamos, muito superficial e anedótica seria um terceiro mundo. Quer dizer, nós vemos que, se o desenvolvimento continuar como está, isso vai piorar, essa cisão vai piorar, essa diferenciação vai piorar e o patrimônio natural e cultural que a Zona Oeste contém vai se perdendo cada vez mais. Paralelamente, a zona central e a zona sul paga um preço porque vai se perdendo também no seu patrimônio cultural e natural nesse processo. Então, a partir dessa idéia, surge uma esperança no ecomuseu, na medida em que é uma instituição que globaliza, já não é mais um departamento de recursos naturais do estado, um departamento de patrimônio cultural federal ou um departamento não sei que municipal, senão que é uma instituição peculiar, que trabalha esse conjunto e que pode se tornar um recurso de desenvolvimento e planejamento local tendo em vista mudar o rumo desse desenvolvimento, num processo, evidentemente, lento e talvez muito lento mas que, em todo caso, vale a pena instaurar.

Eu estou inteiramente de acordo que o fato de, a maneira de pôr o problema, uma aproximação global é importante e, naturalmente, não tenho nada contra que se ajude a resolver determinadas contradições e o que fazemos em Vilarinho, por exemplo, é isso mesmo, e as dificuldades que há em encontrar soluções vindas de outras soluções, dará às pessoas a possibilidade de ultrapassar essas próprias necessidades. Teria que sempre pôr isso submetido a uma conjuntura que ul-



trapassa claramente as questões do desenvolvimento que as pessoas podem querer.

#### **Maria Célia**

Maria Célia, da Universidade Federal da Bahia. Eu quero chamar atenção para um ponto que eu acho que é importante a gente refletir, é que nós não podemos analisar: a ação da museologia, a ação museológica dissociada das demais práticas sociais globais. Então, é importante a gente analisar a estrutura de sociedade que a gente tem, o modelo econômico que a gente tem e não cairmos, de repente, na ilusão de que o ecomuseu vai ser o salvador da pátria. Ele pode apontar, ele pode fazer refletir, ele pode levar a sociedade a refletir sobre determinados pontos para que essa sociedade, junto com, por exemplo, a Zona Oeste ou a comunidade ou as pessoas residentes na Zona Oeste reflitam sobre a sua realidade, mas não dissociada desse contexto geral que a gente vive neste país. De repente, o ecomuseu não vai ser o salvador da pátria nas diferenças sociais existentes entre a zona sul, a zona norte e a zona oeste do Rio de Janeiro. Eu acho que nós temos que refletir muito sobre isto para não termos essa ilusão de que, nesse modelo de ecomuseu, vai estar a salvação dos nossos problemas. Ele sim, eu acho que ele nos aproxima mais de uma museologia participativa onde todas as ações devem ser refletidas, as econômicas, as culturais, as políticas etc., para encontrarmos o caminho dentro dessa situação geral que nós estamos vivendo. Mas não que ele seja um solucionador dos nossos problemas. É preciso que haja esta relação, essa reflexão quanto às demais práticas sociais globais, isso é muito importante, eu acho, em qualquer realidade.

#### **Mariana Várzea**

Eu queria aproveitar essa intervenção da Maria Célia e perguntar um pouco como foi a constituição desse acervo do Vilarinho principalmente, e aproveitar para dizer que o ecomuseu, sem dúvida nenhuma, não é uma panacéia, mas talvez ele seja um espaço de refle-

xão e de expressão dos problemas, me parece, um pouco. Quer dizer, por isso a pergunta sobre a constituição do acervo, um pouco a relação desses grupos de interesse e um pouco uma análise dessa idéia do museu como um utensílio, não é, nesse diálogo desses grupos de interesse.

#### **Mário**

Não sei nem por onde começar. Digamos que recolher objetos é fácil, depende da perspicácia da pessoa que os quer recolher. Se consegue fazer um acervo, consegue que as pessoas dêem tudo e mais alguma coisa e pode considerar que isso é uma participação da população. No fundo, pode até nem ser a utilização ou uma determinada posição social ou qualquer outra coisa, mas a pessoa já dá os objetos. Digamos que o dar um objeto para o museu não é, de maneira nenhuma um fator de avaliação da participação das pessoas e, sobretudo, muito menos de participação no projeto que o autor, que o museólogo pretende, porque eu tanto posso recolher objetos e fazer um museu tradicional como para fazer o outro, depende da maneira de me situar com relação às pessoas. Portanto, isso é em relação à questão da recolha dos objetos. Mas, depois, a outra pergunta escapou-me um bocado.

#### **Mariana**

Como é que dialogam esses grupos de interesse da comunidade através do museu, do ecomuseu, da idéia de ecomuseu?

#### **Mário**

Quer dizer, na minha experiência propriamente também pode-se dizer que não dialogam muito porque não estão preocupados com seus projetos, há uma informação e cada um faz o que quer e o que pensa e isso se traduz no fato, por exemplo, no dia 1º de janeiro de cada ano, nós temos, no banco, o escudos e cada grupo vai arranjar a maneira de arranjar os meios para conseguir fazer os seus projetos. Esperar que um dia se

ponham a discutir em conjunto, começam a ter problemas tão graves que ultrapassam os seus próprios problemas e o projeto do museu vai por água abaixo. Mas também no dia em que as pessoas decidirem que querem discutir sobre os diferentes programas, quer dizer, quem sou eu também para os impedir? O que eu sinto cada vez mais é que somente eu perdi o controle total da situação e, hoje em dia, tudo é feito à minha revelia. Devo reconhecer que as coisas interessantes são aquelas que não fui eu que comecei.

#### Mariana

Sabe o que eu estou preocupada? É com a idéia que você colocou de que o acervo representa os problemas da comunidade. Eu acho que isso é uma qualidade, talvez, do ecomuseu o fato de ser um museu que tenta ser, mesmo que intangível, mesmo que não esteja espacializado, um espaço de diálogo entre as várias comunidades, entre os problemas da comunidade.

#### Mário

Exato. E esta parte, aliás, acho que é uma parte que é estimulante neste trabalho de reflexão. Digamos que é quase um jogo de palavras. Em relação ao museu tradicional, as coleções são compostas por objetos e, portanto, há técnicas para lidar com objetos. Em relação ao ecomuseu, ao novo museu, as coleções, diria eu, que são os problemas da comunidade e, para lidar com problemas, se necessita de um outro tipo de informação, necessita de outra abordagem, necessita de outra organização. Não precisamos mais de armazéns para guardar nosso acervo, precisamos de espaço para as pessoas dialogarem. Não precisamos de pincéis para restaurar as coisas, precisamos, sei lá, de uma escola para completar uma formação. Não precisamos de tudo aquilo que é próprio do trabalho com os museus, mas precisamos de outras coisas que nos fazem lidar com as pessoas. Isso leva-nos a um outro assunto que é a organização e penso agora, por exemplo, agora que a Prefeitura está, no fundo, a empurrar esse diálogo, esta

reflexão sobre o ecomuseu, é que essas estruturas do ecomuseu terão que ser forçosamente diferentes das estruturas do museu tradicional. Aqui não há lugar, é conservador de primeira, conservador de segunda, técnico auxiliar de museografia, técnico auxiliar de segundo nível, quer dizer, esse tipo de codificação que foi feito e que construiu, no fundo, a profissão de museólogo, a de conservador, na nossa sociedade, não é evidentemente adaptável quando os problemas com que se vai lidar são problemas que têm a ver com as pessoas. Aí é preciso, e será provavelmente a primeira vez que uma Prefeitura fará um esforço de reflexão que profissionais, que pessoas necessitam, que estruturas, como é que isso vai se enquadrar dentro do sistema do, não sei se é o mesmo aqui, do funcionalismo público, como é que vamos classificar essas pessoas que, no fundo, nos aparece o electricista e o diretor do museu ao mesmo nível, que categorias profissionais vamos encontrar para essas pessoas? Porque eles, hoje, aparecem exatamente ao mesmo nível, ou a um conservador, dentro desse processo, são pessoas que trabalham e que põem as suas competências ao serviço dos outros, logicamente eles terão que estar ao mesmo nível. Como é que lhes vamos pagar, numa Prefeitura? Já que as outras classificações deixaram de ser operatórias. Portanto, isso, essa idéia de trabalhar com as pessoas, conhecer os problemas repõe outro tipo de problema que tem a ver com a própria organização e estrutura que vai funcionar que, se não se fizer também o esforço nessa mudança de estrutura, de quadro, de organização, de classificação de pessoal, vai haver aí problemas e conflitos. Penso que esse problema, em Portugal, não está minimamente resolvido e continuam as pessoas a entrarem e a saírem dos museus em termos de escriturário de primeira, escriturário de segunda, seção A, seção B, não é minimamente adaptado a um novo tipo de trabalho. Não sei se isso agora já nos aproxima mais.

**Regina**

Para o Professor e a Manuela. Sou moradora na Zona Oeste e professora também. Quando Manuela começou a descrever a questão do museu na escola, então nós, ali atrás, um grupo de professores, começamos também a descobrir que o trabalho de Manuela é semelhante ao nosso trabalho na escola, só que ela fala de surfista e o nosso surfista, que nós trabalhamos, é o surfista ferroviário porque nós somos residentes da Zona Oeste. Então o nosso trabalho com o aluno era muito difícil. No momento em que nós começamos a fazer projetos, a trabalhar com a escola viva, com festival de pipa, a fazer oficina da palavra, nós conseguimos resgatar esse aluno e o professor começou a fazer seu trabalho. Então, qual foi a nossa descoberta aqui, conversando com vocês, que nos falta uma coisa, nós trabalhamos, mas nós não temos acervo, nós não conseguimos organizar esse acervo. Nós não temos nenhum museu tradicional, nem o ecomuseu. Então o que eu quero falar para vocês que estão aqui agora, porque nós, que somos da Zona Oeste, trabalhamos na Zona Oeste, é que descobrimos a importância de vocês no nosso trabalho porque, se vocês vierem a nós como esse gestor moderno que conhece o trabalho, que é o facilitador da descoberta, que sabe fazer aquilo que nós não sabemos fazer, que sabe catalogar, que sabe identificar, a Zona Oeste deixará de ser o terceiro mundo que realmente, em algumas partes é. E também nós não podemos jogar a culpa em ninguém, nós temos que assumir o nosso trabalho, e peço também a vocês que o assumam junto com a gente, esse trabalho, se nós trabalhadores, professores da Zona Oeste contarmos com vocês como gestores modernos, como gente que está lá conosco querendo trazer àquela população, mostrar que existe alguma coisa melhor, nós vamos melhorar esta cidade, porque a nossa população lá ainda não percebeu a riqueza que nós temos em volta. Então, o que nós queremos é que eles aprendam a respeitar o

seu meio para que eles se respeitem e tenham o respeito de todos. E, para isso, eu conto com vocês.

**Lourdes**

Eu queria só dar um aparte antes de duas perguntas que eu sei que vão ser incríveis. Eu acho o seguinte, que existe o que hoje se tenta denominar de ciência e que, realmente, eu me questiono muito se é ciência ou não, e existe a museologia, que é um método de trabalho, ela não é um fim, ela é um meio. Então, ao se tratar de ecomuseu, de museu tradicional, do que a gente queira denominar, a gente necessita da museologia. Isso, eu fiquei muito contente com o seu aparte, Regina, porque você trouxe isso, uma visão de uma pessoa que está tendo um contato com o que será a museologia. Então, como a gente tem métodos para aprender a ler, a gente tem métodos para tratar os objetos, quer sejam objetos que vão constituir coleções em ecomuseu, digamos assim, num espaço físico que se denomine a base principal de um ecomuseu ou numa antena, ou num parque, ou numa experiência ao ar livre, a museologia é esse método que serve para nós e acredito que esses problemas que talvez o Moutinho tenha falado sobre ele, o problema dos objetos, das coleções, eu acho que esse é um ponto interessantíssimo da gente trabalhar, porque ele começou falando do problema, mas ele escoou falando do problema do homem que vai tratar esses objetos e como ele vai se posicionar do ponto de vista da atribuição e o cargo e função que são muito importantes na vida de um museu. Mas eu acho que, intrinsecamente ou conceitualmente, para o museu, para a gente, como a gente está se propondo para guardar uma memória, sendo a memória do homem em grande parte é composta dos objetos, dos artefatos feitos pelo homem e dos espécimes da natureza, então, nós não podemos nos distanciar de métodos que nos ajudem a decodificar esses objetos para que ele possa falar a linguagem de comunicação para esse homem. Então, eu acho que esse ponto a gente tem que refletir muito, quer dizer, o ecomuseu, a ecomuseolo-

gia, ela não pode se afastar disso. Isso é como, até hoje, a classificação de Lineu. Nós só podemos trabalhar com informática para maior comunicação, maior extensão de dados, e esses dados são o que? A decodificação da linguagem dos objetos. Eles têm um método, a gente não vai poder prescindir deles.

#### Mário Chagas

Em cima da fala da Regina e da fala da Lourdes, eu queria dizer o seguinte. De modo especial, penso que não é preciso que se seja museólogo para se fazer museologia. Então, Regina, eu acredito que você, mesmo não sendo museóloga, você pode fazer museologia. A questão que me parece fundamental é que esse mesmo raciocínio é válido para o campo da matemática. Eu não preciso ser matemático para saber fazer as operações básicas, eu não preciso ser um gramático para saber redigir uma carta. Me parece inclusive que esta é a única forma de nós garantirmos a museologia como uma disciplina. Quando a museologia ganhar espaço, quando a museologia penetrar a casa das pessoas, quando a museologia penetrar todos os campos, aí ela pode se firmar como uma disciplina, seja uma arte, seja uma ciência, seja o que for, aí ela se firmará como tal. Só à medida em que ela for apropriada pelas pessoas. Daí e, de outro lado, é preciso uma separação muito nítida entre a museologia e os museus, quer dizer, é preciso que a gente tenha uma noção de relações. Agora, eu tenho uma questão para o Mário, o meu nome é Mário também, eu sou do Museu Histórico Nacional e da Universidade do Rio de Janeiro. É possível, Mário, na sua opinião, a transformação de um museu tradicional, em um ecomuseu e, no sentido contrário, é possível que um ecomuseu se transforme em um museu tradicional? Eu penso que essas duas questões são fundamentais porque, do contrário, nós debatemos palavras e não debatemos o conceito fundamental das coisas. Me parece que, tanto o museu que é tradicional quanto um ecomuseu, podem ser manipulados e parece que tem uma questão grave por trás disso tudo que

é o seguinte: o ecomuseu está na vanguarda de qual corrida? Ou melhor, o ecomuseu é vanguarda? E, sendo vanguarda, em que ponta da corrida que ele está? Me parece que esta é uma questão que devemos, então, refletir sobre ela.

#### Mário

Bom, há várias maneiras de responder. A primeira é dizer que um ecomuseu, se é fundado sob novos princípios, nunca virá a ser um museu tradicional. Mas a prática mostra que não. Hoje em dia, há cada vez mais ecomuseus tradicionais e ecomuseus de desenvolvimento. Há aqueles que, no fundo acham que fazer um ecomuseu e expor os objetos através de um território, podemos fazê-lo, não há dificuldade nenhuma. Em vez de termos dentro de uma casa, nós temos e respeitamos os princípios da ecomuseologia, em vez de estar dentro de uma casa, está espalhado. Mas não altera nada. O que há de novo na ecomuseologia é uma aproximação ao trabalho, um trabalho coletivo, pronto. Portanto, os ecomuseus, há os dois, o tradicional e há o ecomuseu de desenvolvimento, aliás, estou a utilizar uma expressão do próprio Hugo de Faria. Em relação à mudança dos museus tradicionais em novos museus, eu também diria não, nem há razão para isso. É preciso que os museus tradicionais estejam a par do tempo em que eles vivem, sejam museus contemporâneos, se modernizem, e aí eles cumprem a sua função porque realmente o que é que a gente vai fazer com tudo aquilo que está dentro dos museus? Não vamos deitar fora, em princípio, a primeira obrigação do conservador, do museólogo é conservar. Portanto, os museus tradicionais que continuem a fazer o seu trabalho, que se modernizem e aí é que estará, de fato, o seu projeto, não é se transformarem numa outra instituição. Eles também podem se transformar numa outra instituição, mas, então, têm que se despir de uma tal maneira que, numa certa altura, já não são nada. Quer dizer, foi preciso expulsar até os próprios funcionários que estavam lá para tomar conta das peças e não para serem animadores

culturais, foi preciso retirar os objetos das salas para liberar as salas para fazer reuniões com a comunidade, nesta altura já não há museu tradicional. Portanto, a transformação do museu tradicional num novo museu, no fundo, primeiro, não há razão, há sim razão para que eles se modernizem, que utilizem todas as técnicas que uma pessoa quizer de comunicação, de exposição, tudo isso, mas que é importante. Mas pensar nesse processo de museu tradicional

Em tese é possível mas, nesse caso, já não sobra nada do museu tradicional. Mas, se se transforma, transforma, transforma, a partir de uma certa altura, deixou de ser o que era. Então está bem, nasceu um novo museu sobre as ruínas do museu tradicional, sobre as ruínas do museu tradicional brotou um novo museu. Mas o novo museu, com outras funções, até não há razão para que deixe de se ocupar de suas peças, de seus objetos, e passem a tratar de pessoas.

#### Mario

O que eu acho é que o museu tradicional, é fundamentalmente social e está inserido dentro do meio ambiente dele e de um meio ambiente maior. O que me parece é que a pesquisa do museu tradicional, ela sempre foi muito parada, ela nunca levou ao público o peso social de suas coleções que só existem e só são compreendidas dentro de um meio ambiente. O que que acontece? Sou o visitante, tenho uma bagagem cultural grande, ao ver um quadro dentro de um museu tradicional, eu vou me situar no tempo, no espaço, na música, no momento social etc. O que estou fazendo? Estou fazendo a nova museologia dentro de mim, só que o museu, explicitamente, não deu isso para mim, apenas eu, como um observador, digamos, privilegiado, tenho dentro de mim esta bagagem, mas você extrair isso de um museu ou não, tradicional, quer dizer, é uma coisa de cada um. Mas o museu tradicional tem essa potencialidade, ele não explora essa potencialidade. Eu acho que ele não termina se ele explorar essa potencialidade.

#### Tereza Cristina Scheiner

Eu queria lembrar aqui que, às vezes, se desloca, no meu entender, o foco da discussão. Do momento em que a gente está trabalhando em cima de ecomuseu, quer dizer, tentando discutir o ecomuseu, vale lembrar que não se pode ser maniqueísta, ou seja, não é um jogo de futebol tipo Fla-Flu, de um lado, o museu tradicional, de outro lado o ecomuseu, ao ecomuseu tudo, ao museu tradicional nada. Não é assim, não é uma coisa tão simplista assim. Me parece, por todas as leituras e observações que eu tenho feito, que a tônica do ecomuseu é apenas a forma de trabalhar.

Se a gente lembrar que existem museus tradicionais que se preocupam profundamente com a questão social, que estão completamente felizes com a maneira como traduzem o seu trabalho, que trabalham, sim, com uma visão mais ampla da questão social, da questão cultural, que trabalham com a museologia como processo também, a gente começa a perceber que essas coisas não são características únicas, intrínsecas do ecomuseu. Eu acho que o que se confunde muito, e eu tenho colocado isso dentro da Escola, nas discussões, tanto em Teoria e em Metodologia da Museologia como na própria prática museológica, na nossa prática lá com exposições, com o trabalho que a gente faz extra-muros, de educação ambiental e tudo o seguinte: a gente não pode confundir o museu do discurso com o museu real. Eu acho que aqui estamos fazendo uma ligeira confusão entre os modelos conceituais, que estão no âmbito do museu do discurso, com as experiências que se vivenciam dia-a-dia, e que estão no âmbito do museu real.

O museu tradicional, o modelo de museu tradicional, tem potencial incrível também. Agora, eu acho que a gente ficou um pouco traumatizada com algumas realidades que vivencia aqui, aonde esse modelo de museu tradicional (que, em si não é ruim, que em si tem um potencial muito grande) é mal traduzido na prática. Então é o fenômeno Museu, como nós temos o Teatro, en-

quanto fenômeno. Se o teatro da esquina é bom ou é ruim, isso é uma questão de administração, uma questão dos limites daquela experiência particular, mas não é o Teatro que é ruim porque aquele teatro da esquina é ruim, e não funciona bem. Eu acho que a gente não pode perder de vista esta questão, confundir os museus onde trabalha, alguns museus que não dão certo com o modelo do museu tradicional. Ele, em si, não é ruim: esse trabalho com a comunidade é feito em vários museus do tipo tradicional, no Brasil e fora do Brasil. Eu tenho uns colegas que são do Smithsonian Institution, que trabalham no Museu de História Americana, que é um museu absolutamente tradicional, absolutamente dentro do modelo, e fazem um trabalho magnífico de coleta de objetos com a comunidade, fizeram um trabalho com a comunidade negra que se deslocou do campo para a periferia da cidade de Washington, para trabalhar em fábrica. Essa comunidade foi acompanhada pelo museu, fizeram uma exposição, fizeram um trabalho de inventário das modificações sócio-culturais e econômicas pelas quais essa comunidade passou. Então esse trabalho pode também, e deve, ser feito pelo museu tradicional. Agora, se ele é ou não é feito pelo museu onde eu trabalho e você trabalha, aí é uma questão que precisa ser estudada via análise de caso, mas me parece que não se deve julgar essa questão de uma maneira maniqueísta, no ecomuseu pode, no museu tradicional não pode.

E a outra questão, Mário, continuando o que você colocou e que eu acho foi muito bem lembrado, sobre o fato de o ecomuseu estar ou não estar na vanguarda. Vou dizer, do meu ponto de vista, eu não sei se o ecomuseu está na vanguarda, eu conheço museus tradicionais que são absolutamente vanguardistas nos seus métodos, na sua expressão, na maneira como eles se realizam frente à sociedade e já li sobre experiências de ecomuseus que não deram muito certo como se esperava porque absolutamente eram tradicionais demais. Então, eu não sei se o foco da questão seria se o museu é vanguarda ou não, se o modelo é vanguarda ou não.

O trabalho que a gente realiza naquele momento é vanguarda ou não é vanguarda? O que que é possível a gente fazer? E aí lembrando o que o Ulpiano está nos colocando desde ontem, não vamos esquecer que memória é um processo, a museologia é um processo, qualquer museu pode e deve trabalhar a museologia enquanto processo. Essa discussão focada em cima do objeto fabricado às vezes me deixa um pouco aflita.

Vamos ampliar um pouco a discussão, vamos lembrar que o Jardim Zoológico é um museu tradicional, o Jardim Botânico é um museu tradicional, o Aquário e o Planetário são museus tradicionais, então, eles também trabalham com a vida, com as comunidades de plantas, com as comunidades de bichos no museu tradicional. Me parece que a questão não é essa, focar toda a responsabilidade em cima do ecomuseu. E uma última coisa, que eu não quero me alongar aqui demais, é também não esquecer o fato de que, tanto no museu tradicional quando no ecomuseu, a gente está trabalhando não uma coisa abstrata, amorfa, que é o público ou a comunidade essa coisa remete muito para o domínio do irreal. Estamos trabalhando com pessoas, nós somos pessoas trabalhando com pessoas. E a possibilidade de transformação de mentalidades, de formação de idéias, seja no museu tradicional, seja no ecomuseu, vai ser se realizar a partir da nossa possibilidade, da possibilidade da equipe, de fazer um trabalho transformador. Quer dizer, para a gente poder transformar a comunidade, para poder fazer um trabalho que acrescente alguma coisa, é preciso que primeiro, se modifique.

Então é com isso que nós estamos preocupados no momento na escola, e qualificar pessoas para que elas possam realizar um trabalho transformador, seja em que estrutura for. Seja qual for o método que estão usando.

É aí que eu tenho algumas dúvidas também, se de fato, as universidades conseguem dar a formação para que as pessoas trabalhem nesses tipos novos de mu-

seus. Ao fim de dois cursos, cada vez me interrogo mais se, de fato, se consegue dar essa formação.

### Hernan Crespo

Eu sou Hernan Crespo, do Escritório Regional da Unesco, que tem sede em Havana. Gostaria de fazer uma pequeníssima reflexão em relação com a da cultura. Ontem, eu tratei um pouco de colocar historicamente o fenômeno da reflexão que foi feita a respeito dos anos 80, sobre o que é a cultura e a redefinição da cultura. Falei um pouco do processo, que teria que dessacralizar o conceito de cultura, que cultura não era apenas as artes, mas que a cultura é holística, que se tinha adotado o conceito antropológico da cultura.

Para não errar porque o planejamento do desenvolvimento até os anos 80, praticamente, tinha errado porque não havia levado em conta a cultura e o homem como sujeito do desenvolvimento e, por isso, se cometeu erros essenciais do ponto de vista de uma espécie de etno-civil, uma espécie de eco-civil, que tinha esgotado a natureza e o homem, principalmente em nossos países subdesenvolvidos, tinha ficado de fora desse processo de desenvolvimento. Então, tendo esse conceito como o conceito fundamental, o fato de pensarmos em ecomuseu atualmente, não como uma panacéia, mas sim como uma experiência nova essencial é porque se coloca o homem como sujeito do fato cultural, como sujeito do desenvolvimento. O ecomuseu, para mim, se justifica unicamente se a comunidade é o ator do museu. E aí se está aplicando essa nova teoria ao planejamento de que, primeiro a cultura, representada pelo homem e pela comunidade, e, logo, o homem é o sujeito e o ator do desenvolvimento se o fazemos participar do ecomuseu. Para solucionar problemas que vão desde a saúde ambiental até a identidade.

Por isso, por exemplo, o projeto que vocês estão projetando para a Zona Oeste me parece que tem indicações imensas porque pode contribuir para o desenvolvimento desse setor do ponto de vista da saúde, da escola, do analfabetismo e, sobretudo, do ponto de vis-

ta da identidade. A comunidade aí vai se reencontrar, vai colaborar, do ponto de vista que vai ter uma identidade. Por isso creio que a experiência dos ecomuseus, nascida a partir dos anos 70, coincide um pouco com a grande angústia expressada em 1982, no México, onde se disse, estamos errando na teoria de desenvolvimento porque o homem está fora do processo de planejamento. Parece-me que, desde aquela época, foi feita esta reflexão.

### Maria Regina Matos

Maria Regina Matos, do Museu de Paranaguá. Eu gostaria de ter a oportunidade de falar imediatamente após o Mário, mas Teresa já deu um ponta-pé naquilo que nós gostaríamos de colocar. Nós estamos, nós somos um museu, para quem conhece o Museu de Paranaguá, nós somos um museu modelo tradicional. Estamos, há 3 anos, no museu procurando desenvolver atividades de ecomuseologia. Não temos a intenção de transformar o museu de Paranaguá em um ecomuseu em Guaraqueçaba, por exemplo, que é uma área próxima a uma reserva ecológica de onde nós ainda desenvolvemos uma atuação muito tímida, muito precária. Então, a minha contribuição é no sentido de que as atividades, o problema que surge, Mário, me parece, é que existe uma atividade muito pequena de alguns museus, em nosso país, uma atividade social. Então, fica clara essa necessidade de ecomuseologia em alguns museus tradicionais. E eu concordo plenamente com o Hernan quando ele coloca que, se não houver uma participação da comunidade, nós não temos um ecomuseu. E essas atividades, essas ecoatividades desses museus tradicionais me parecem ser a saída para esse caminhar para ecomuseus em nosso país. Era essa a nossa contribuição. Obrigada.

### Mário

Há uma museologia que é participativa e que pode não ser ecomuseologia e há uma ecomuseologia que pode ser, ou não, participativa. E, portanto, dar a eco-

museologia como uma expressão de uma nova museologia me parece que não é o melhor caminho de deixarmos as coisas menos complexas. A ruptura que me parece que existe, e quando se põe o problema da transformação dos museus é que, teoricamente, podemos fazer tudo mas, no fundo, no fundo, um museu ou está voltado para receber um público ou está voltado para se transformar em uma instituição ao serviço do desenvolvimento das pessoas com a participação delas, com a ida e a vinda, com tudo isso. E há uma ruptura. E podemos imaginar um museu que se transforma, mas não há nenhum museu, penso eu, museu tradicional, que decida, agora nós vamos fechar. Porque as duas coisas, não é que elas sejam incompatíveis teoricamente, mas, na prática, são incompatíveis.

Um museu ou se orienta para uma coisa ou se orienta para outra a não ser que tenha, assim, tantos meios financeiros para criar uma outra instituição paralelamente. Há aqui, de fato, no momento, teoricamente, tudo vai bem mas, na prática, um museu ou se dedica a uma prática, a uma museologia participativista e esquece o público, porque não é para isso, a museologia participativa não inclui a idéia de público, de maneira nenhuma, inclui a idéia de participante, ou então continua com a outra idéia de público e, para o público, há também muito trabalho a fazer e também há trabalho social a fazer, uma preocupação, enfim uma contradição que existe. As vezes não é mal uma pessoa redizer aquilo que já sabemos, mas, no fundo, a outra museologia também é social. Agora, também não vamos esquecer que aqui há uma ruptura entre um museu que está voltado para receber público e um museu que está voltado a se pôr à disposição de uma comunidade para participar no desenvolvimento da comunidade. E na prática, na prática, as coisas são bem mais dogmáticas do que nós, às vezes, tentamos dizer, enfim no fundo, a prática é bem mais dogmática do que nós percebemos.

### Heloisa Peixoto Nogueira

Bom dia. Eu sou Heloisa Peixoto Nogueira, da Unirio, do Mestrado de Administração de Centros Culturais. Gostaria de trazer aqui e aproveitar também para questionar o Mário, é uma preocupação bastante grande, no Mestrado, no que se refere, principalmente, à ausência notadamente forte de público nos museus tradicionais. Este fato, no nosso Mestrado, gerou um projeto de pesquisa, que já está em andamento, que se refere a uma busca de investigação etnográfica para que pudéssemos, em contato com algumas instituições culturais aqui do Rio de Janeiro, notadamente um museu, uma biblioteca, um centro cultural e um arquivo, já que nosso Mestrado é interdisciplinar também, nós gostaríamos de avaliar quais os comportamentos detectados do público visitante, notadamente em alguns aspectos, por exemplo: como ele trabalha a memória, como ele compreende o que é cultural na sua própria decodificação como processo vivencial, o que ele entende que é evento, porque notadamente se vê que algumas instituições, sejam particulares, ou não, têm maior ou menor âmbito de público conforme a sazonalidade de suas atuações. Mas a questão que fica sempre atrás, e que me parece que se relaciona com o que já foi discutido aqui ainda de manhã, é o aspecto de que, no momento em que os museus adotam técnicas de captação de público, principalmente no domínio da mercadologia, da propaganda, da divulgação de eventos, ele começa a entrar numa seara, que você bem trouxe, o aspecto, o reinventar a empresa; até que ponto este passo possa incidir numa conotação se fira, em termos epistemológicos, todo o conceitual da museologia e da cultura e, portanto, até que ponto este público, como é que ele decodifica, como é que ele trabalha aquele momento cultural em que ele está inserido naquele instante. Eu gostaria, dentro dessa experiência que nós estamos tentando realizar, que você trouxesse, se for possível, alguma pesquisa já realizada em Portugal com essa conotação específica.



**Mario**

Sinceramente, eu acho que a única resposta que vai ter de minha parte é que não sei por onde pegar nesse problema. Digamos, trabalhar com o público é uma questão que eu nunca preoquei-me, eu próprio. A única coisa que eu percebi é que há um grande desencontro no dia-a-dia, quando a gente percorre um museu, uma exposição, entre o que o museólogo quis fazer e a percepção que o público tem daquilo. São dois mundos diferentes. São pessoas que, de maneira geral, se trabalham de costas voltadas. Há um projeto, o próprio circuito que propos tudo isso, as pessoas vão lá e não seguem nada daquilo, as pessoas vão lá numa outra atitude, vão lá porque estão cansadas, vão lá porque são obrigadas a ir no grupo dos 200 alunos da escola, vão lá porque são turistas e fica bem entrar no museu.

Há aí um problema, me parece, isso não está muito bem verificado, entre o discurso do museólogo e o que as pessoas levam da exposição. Me parece que não há grande relação, só superficialmente mas, no fundo, no fundo, é muito difícil de encontrar.

As pessoas vão ao museu e vão a procura de 5 minutos de sossego ou vão a procura, ou, se ela é muito especializada, ela já nem vai mais ao museu porque o que ela vai fazer ao museu? Porque o museu também a função que ele tem como fator de formação, a vida é tão curta, são tão incompletos, os guias, na maior parte das vezes, estão mal preparados. Quer dizer, teoricamente tudo pode funcionar mas, na prática dá-me idéia de que as pessoas vão ao museu e ficam satisfeitas, mas é por razões que não têm nada a ver com aquelas que o conservador gostaria que elas estivessem satisfeitas. Ainda por cima, tudo isso, na minha maneira de pôr, os problemas ainda se agravam porque eu, de fato, não estou preocupado com o público.

E uma coisa que me inquieta é o público no museu porque, de fato, não estamos vocacionados para trabalhar com o público. Isso, sem critérios de valoriza-

ção ou desvalorização do que quer que seja. De fato não estamos. É um outro processo. Para quem prepara um discurso para apresentar a um público, aí sim eu acho que todos esses estudos devem ser importantes. Mas também não esqueçamos que não é por introduzir metodologias de marketing, de publicidade e tudo isso, que se adota a postura de uma nova empresa do tempo contemporâneo.

Podemos utilizar tudo isso e estar a reproduzir uma situação empresarial com 30 anos de atraso. Portanto, uma coisa não implica a outra. Agora, que me parece que, quando se trabalha com o público, que há uma compra e uma venda de um serviço, é evidente que, mesmo introduzindo essa idéia, a idéia antiga de empresa também já não era mal. Quer dizer, significaria um progresso de 40 ou 50 anos para a maior parte dos museus, se conseguissem reintroduzir dentro dele e gerir de maneira contemporânea as suas obrigações diontológicas, e tudo isso, que têm para com suas próprias populações. É evidente que não estou a dar resposta nenhuma, é um desabafo mais que outra coisa.

**Gabriela Pantigoso**

Gabriela Pantigoso, IBPC. Eu não quero exatamente fazer uma pergunta, não, é apenas, depois de tudo isso que eu escutei aqui dentro, e tentando me situar dentro da discussão um pouco mais, comecei aqui a ter novas preocupações, preocupações geradas, talvez, pela minha própria formação, não só de museóloga, mas de antropologia. E a preocupação maior, nesse trabalho todo, e inclusive dentro do mesmo pensamento colocado pelo Ulpiano e por outros aqui dentro, é que nós não estamos muito capacitados, muitas vezes, a entender que as nossas interferências em todos esses segmentos, em todos esses processos, geram consequências, muitas vezes, bastante diferentes daquelas que nós pensamos inicialmente e que, então, esses aspectos é que eu considero como dos aspectos mais complicados dessa problemática atual de todos esses conceitos que aqui nós vimos de toda essa situação. Nós, todas as vezes

que interferimos com a nossa maneira de pensar, nossa maneira de ver as coisas, muitas vezes causamos uma série de conseqüências que nós não podemos prever com absoluta segurança, já que nós tratamos de ciências sociais.

Por outro lado também, encarando esse problema da nova museologia, da ecomuseologia enfim, estava comentando ainda há pouco com Teresa, inclusive, daí a levar esse comentário a você, é que vejo que, realmente, mais uma vez eu sinto, a nível de tudo o que nós escutamos dos diversos segmentos aqui presentes, das diversas formações, é que realmente nós, museólogos, temos uma visão do problema bastante mais ampla.

É o que Teresa colocou como uma visão holística, talvez aí esteja o grande problema colocado. É isso o que eu queria colocar.

#### Dalice Prioichi

Eu me chamo Dalice Prioichi, sou de Santa Cruz, da Associação de Moradores de Santa Cruz e professora do Município do Rio de Janeiro. Além disso, colaboro com o núcleo de orientação e pesquisa histórica de Santa Cruz. E é sobre justamente isto que a Gabriela terminou falando que eu queria colocar. Realmente, a visão da comunidade é bem mais simples do que a que os museólogos apresentam. Vocês têm realmente uma visão ampla da coisa, mas nós, da comunidade de Santa Cruz, da comunidade da Zona Oeste, nós temos um pouco dessa prática. Felizmente eu vim a esse Encontro Internacional de Ecomuseus e pude descobrir, através das palestras e dos comentários aqui feitos, que nós praticamente fazemos um pouco disso, só que não sabíamos que se chamava ecomuseu. Não tínhamos essa conceituação toda, nós simplesmente estávamos, eu vou relatar como foi que se passou a coisa. Santa Cruz era uma província, fechadinha, todos se conheciam, todos eram uma família só. De repente, começaram a chegar os grupos vindos de diversas partes do Rio de Janeiro e ficamos ilhados, e vimos que precisá-

vamos, para não ficar ilhados, nós precisávamos tentar entrar em contato com aquela comunidade.

E foi isso o que aconteceu. A nossa Associação de Moradores surgiu do contato com esses grupos externos. Foi assim que nasceu a Associação de Moradores de Santa Cruz. Eles nos deram o embasamento, nós, oriundos do lugar, tivemos que pedir auxílio às comunidades que migraram para Santa Cruz para podermos fundar a nossa associação de moradores. E aí começamos a trabalhar em prol do que havia, do que já existia, e isso devemos a um gestor que já há em Santa Cruz, o gestor que eu considero que é o nosso líder nessa parte porque nos mostrou esse caminho, é como Prometeu que mostrou, levou o fogo sagrado até a comunidade. É o Sinvaldo que tem feito, há 13 anos, um trabalho de conscientização da comunidade para esse trabalho de resgate daquilo que é nosso e até de conservar o que estamos vivendo. Eu não sei se estou dentro do contexto, se estou fora, eu só sei que eu me reconheci nesse espelho e, nas palavras que a Teresa disse ontem, eu olhei esse espelho e, realmente, eu não vi uma imagem apolínea da minha comunidade não, eu vi uma imagem dionisiaca, era eu como eu era mesmo, era a comunidade. E eu queria também dizer que uma coisa ficou firme na minha cabeça desde o momento em que ela falou que cada comunidade terá o seu ecomuseu na hora, no tempo, no espaço em que ela quiser. Muito obrigada.

#### José Tomé

José Tomé, Coordenador de Animação Cultural da SME. Eu sou morador de Campo Grande, portanto, da Zona Oeste. Só para lembrar que eu acho que o museu itinerante seria um caminho para se começar o ecomuseu porque as comunidades de Santa Cruz, de Campo Grande, são comunidades carentes, é aquele que não tem condição de ir a um museu tradicional, ele nem conhece, não sabe, a maioria não sabe e não consegue ir a um museu tradicional. Então é o caso do museu tradicional ir até às comunidades com um museu itine-

rante para poder levantar esse ecomuseu que a gente pretende. Era só isso que eu queria dizer.

**Lourdes**

Alguma pergunta mais?

**Mário**

Eu só gostava de completar o que disse há um pouco quando me falaram pela primeira vez da organização deste Encontro e que tinha a ver, efetivamente, com a criação de um ecomuseu, um ecomuseu voltado para a comunidade da Zona Oeste e eu perguntei logo, e a primeira pergunta que eu fiz foi: e quem é que vem a esse Encontro? E perguntei logo, e vêm as associações dos moradores, e vêm os animadores locais, e vêm os responsáveis pelas pequenas comunidades, e vêm essas pessoas todas? De maneira, é evidente que, quando se está, assim, falando dessa maneira, eu acho que sim, quer dizer, aí vamos ter, efetivamente, um ecomuseu de desenvolvimento da zona oeste porque, quer dizer, não é importante, nós descobrimos agora que fazíamos ecomuseu, não é importante. Bom, é prática do animador cultural, não o animador cultural que, talvez, em Portugal está em crise a idéia de animador cultural, mas animador cultural, o animador social. Efetivamente é este tipo de formação que é necessária para se trabalhar com as pessoas e eu dizia, há um bocado, nós fizemos muito esforço para propor o ensino da museologia.

Pessoas que se sensibilizam para determinado tipo de trabalho, ou então não há formação nenhuma universitária que consiga. De fato, no meu entender, o animador social é a pessoa que está no centro desse processo. E é aí que o museólogo tem que ficar pequeninho porque, de fato, é uma outra história fazer o ecomuseu, praticar esta nova museologia, é outra história completamente diferente. Existe, sem valorizar ou desvalorizar qualquer coisa, existe uma competência e uma formação que, essas, são as necessárias para participar no desenvolvimento da comunidade. De maneira

que eu fico satisfeito da gente estar aqui e não estar sozinha, ainda por cima, porque já vieram aqui várias pessoas da Zona Oeste.

Sobre esse aspecto da formação, eu acho que há um dado que a gente deve refletir e que é o seguinte. É que uma ação museológica que se faz com a sociedade, em que se busca o desenvolvimento social, ela também visa a produção do conhecimento, ela não se esgota em si mesma. Não é uma ação que vai terminar no momento em que você executou aquele trabalho que foi feito junto com aquele determinado grupo. Mas ela deve gerar a produção de um conhecimento e essa produção de conhecimento vai ser diferente da produção de conhecimento acadêmico, fechado numa universidade, porque essa produção deve ser devolvida à essa sociedade. Deve ser devolvida a esse grupo. E outra questão que eu acho que é séria também é o nosso posicionamento como pesquisador, como técnico, diante da comunidade, diante do grupo com que a gente trabalha. Não é termos a ilusão de que vamos ser iguais, que vamos trabalhar como se fosse, efetivamente, um membro daquela comunidade porque não somos. Agora, temos é que deixar claro essa diferença, trabalhar com essa diferença e eu acho que o que é mais importante nisso tudo é devolver, é construir em conjunto o conhecimento que é produzido a partir dali porque, infelizmente, na maioria das pesquisas acadêmicas, nós usamos as comunidades como cobaias, realizamos os nossos relatórios e engavetamos.

**Maria Célia**

Rapidinho. É para dizer da possibilidade de usar o ecomuseu como recurso de planejamento no sentido de romper com o planejamento como panacéia porque é o que tem sido feito até hoje e não tem dado certo. Faz-se um belíssimo estudo, belíssimas alternativas, vêm livros em technicolor sobre como vai ser a região dada, não dá certo, não tem dado certo até hoje. Quer dizer, o próprio Plano Diretor do Rio analisa que as melhores medidas e os melhores projetos locais, municipais, de

planejamento urbano têm sido feitos porque são locais, porque são analisados com a comunidade local e a partir da realidade local. É nisso que o ecomuseu surge como um recurso de planejamento, não só urbano, mas de planejamento social porque ele engloba, nessa instigação peculiar, a questão, o fio condutor a partir de patrimônio natural e cultural, com a participação da comunidade.

### Lourdes Novaes

Complementando o que a Maria Célia levantou, eu queria refletir aqui um problema que eu acho o seguinte, que foi muito vivenciado no ecomuseu de Itaipu.

O museólogo, ou o profissional de museus, que aqui eu prefiro usar essa palavra porque é a interdisciplinaridade trabalhando no museu, ele não deve se sobrepôr. Ontem Fernanda falou muito na transparência daqueles que estavam trabalhando junto com a comunidade. Deve, sim, haver uma troca de conhecimentos. E só através dessa troca sadia é que nós vamos poder passar alguma coisa para vocês e vocês nos darem o embasamento para, então, a gente interagir melhor.

É através desse diálogo que, realmente, o museólogo, o antropólogo, o sociólogo, vai poder trabalhar para essa grande finalidade que é o homem daquele território que se está trabalhando em forma de ecomuseu. Então, eu acho o seguinte, lá em Itaipu, por exemplo, nós tivemos a experiência de museologia aplicada junto às pessoas que trabalhavam no museu, que faziam parte da comunidade e que não tinha formação em museologia, de jeito nenhum.

Nós trabalhávamos com equipe científica, como Fernanda mostrou, com biólogos, botânicos e, depois, tinha o pessoal que veio ajudar no museu, que eram funcionários da Itaipu, muitos deles, muitas pessoas eram donas de casa, outras eram professoras de escola primária, outros tinham servido no batalhão, tinham acabado seu tempo de serviço militar e vieram ajudar no museu, eles eram funcionários de Itaipu, mas eles não tinham, digamos assim, ferramentas, não usarei

nem o termo científico mas, no fundo, são técnico-científicos, para trabalharem em trabalhos de base para que um museu ou um ecomuseu funcionasse. Então, eu não gosto muito da palavra museologia popular porque eu acho que talvez ela deprecie, não só a idéia de museologia, mas a idéia também das pessoas que estão auxiliando.

O que houve foi um intercâmbio de informações metodológicas para que as pessoas do local realmente pudessem se ocupar e levar adiante aquele projeto. Tanto que, se vocês perceberam na fala da Fernanda, nenhum de nós que foi para lá trabalhar, quer na implantação, quer na prospecção, quer na preparação desse grupo comunitário para que ele se ocupasse e se... daquilo que era dele, nenhum de nós ficou. Quer dizer, a comunidade permaneceu e a comunidade, o que que aconteceu? Ela absorveu aquilo que nós pudemos trocar com ela e ela achou um novo rumo para ela, lógico que ainda há as linhas mestras que foram dadas através de um trabalho incrível porque, para vocês terem uma idéia, para que o ecomuseu de Itaipu fosse criado, além da vontade dos dirigentes e da comunidade, teve que ser feito um documento científico que se chama um relatório enorme museológico composto de 5 volumes. Então, esses 5 volumes, eles levaram muito tempo sendo feitos, eles só foram feitos através de uma pesquisa embasada, não só na documentação escrita, como no objeto tridimensional, como no estudo da história local, como naquela coisa tão espontânea que Fernanda colocou que a gente andava nos ônibus, que a gente atravessava a ponte, que a gente ia no restaurante do pião da obra, ia no restaurante dos engenheiros da obra e, ali, ao almoçar, a gente batia um papo e começava a entender uma série de coisas que, para nós, era completamente desconhecidas.

Então, foi na penetração de um mundo e na troca do nosso mundo com o deles é que, realmente, esses 5 volumes desse Plano Diretor saíram. Agora, vocês podem me questionar, mas por que 5 volumes de trabalho científico para que um ecomuseu seja feito? Porque as

coisas, elas nascem espontaneamente mas, para que elas continuem bem, inclusive defendendo esse espontâneo, esse real, esse verdadeiro, elas têm que ter um embasamento científico, as coisas não brotam do chão. Então, eu acho que as pessoas participam desse embasamento, desse trabalho, cada uma dentro daquilo que ela pode dar nesse trabalho. Então, acho que a palavra museólogo, sociólogo, antropólogo, ele não deve intimidar e nem deve ser uma barreira, um biombo contra a comunidade que quer alguma coisa. Não, ela tem que ser bem vinda para que esse trabalho se faça em boas bases. Agora, essas pessoas da área, digamos assim, científica, elas têm que ter uma humildade de saber, de estarem imbuídas que, ao ter contato com uma comunidade, elas não sabem nada dessa comunidade. Porque, realmente, o que está escrito nos livros, nos documentos etc. e tal nos dá um caminho até um certo ponto porque a verdade, o funcionamento, o orgânico que há nessa comunidade, só vocês, os moradores, podem trocar, nos dar, preservar e dar continuidade ao projeto, senão, esse projeto, ele começa, mas ele vai terminar rapidamente.

Alguma pergunta ou colocação a mais? Bom, nós temos planejado uma sessão de vídeos, que já está com 1 hora de atraso, mas que ela poderá ser ainda passada aqui, de meio-dia até a 1. Então, aqueles que tiverem essa disponibilidade, podem ficar para ver essa sessão. E nós gostaríamos de agradecer imensamente a palestra do Mário Moutinho, a colocação dele e agradecer, principalmente, a vocês que hoje começaram a debrochar porque, até ontem, a gente sentia todo mundo olhando muito para a gente mas como quem diz assim, qual é a hora que eu vou entrar? Então, eu não gosto muito também da palavra ator, mas eu acho que hoje nós nos identificamos, não é, nessa troca. Então, a coisa está começando a esquentar. Eu acho que, daí para a frente, muita coisa boa vai sair nessa troca imensa que a gente pode ter, não é? Eu espero, então, que, na sessão da tarde, este crescendo alcance grandes temperaturas. Obrigada.